

Resenha**Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**

(BAUMAN, Zygmunt e MAY, Tim. [tradução de Eliana Aguiar]; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 2010. 92p.)

Simone Pereira de MACEDO¹

Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos, trata das características atuais da sociedade capitalista, desde sua organização econômica e política até a sua dimensão cultural, articulando questões da esfera material/objetiva e da esfera imaterial/subjetiva, a partir da perspectiva de “liquidez”. Ao longo desse livro, o autor retoma e encorpa os conceitos de “modernidade líquida”, “sociedade líquida”, “economia líquida”, “cultura líquida”, ao transpô-los para a análise de temas recentes e aparentemente desconexos, como bulimia, crédito, mercado, educação, mundo virtual. A obra se divide em cinco capítulos, nos quais dialoga com autores clássicos e contemporâneos. Nos dois primeiros capítulos, o autor segue seu roteiro; nos três últimos capítulos, responde às perguntas de três diferentes autores.

Em “Capitalismo parasitário”, capítulo inaugural da obra, Bauman parte da análise da crise econômica, iniciada em 2008, nos EUA, para interpretar a economia como um todo, em sua atual fase líquido-moderna. A economia líquida consiste na própria economia capitalista, porém não mais calcada na exploração da força de trabalho operária. Houve um “deslocamento” das “fontes de lucro do capitalismo” (p. 32). Primeiro, na transição da fase sólida para a líquida, a exploração voltou-se para os consumidores, a fonte de lucro era o mercado de consumo. Atualmente, na fase líquida, exploram-se os consumidores convertidos em devedores, sendo a “indústria do crédito” a fonte de lucro.

É nesse contexto que ganha importância a análise da crise de 2008, caracterizada pelo autor, como uma crise de “contração do crédito”, originada pelo crédito facilitado a uma parcela da população que não tinha recursos para comprar sua casa própria (‘hipotecas *subprime*’). O verdadeiro objetivo dos bancos era criar “uma raça de devedores eternos e a autoperpetuação do ‘estar endividado’” (p. 18). A aplicação deste mecanismo remonta ao advento dos cartões de crédito, que transformou os clientes em

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB.

devedores e suas dívidas em “*fonte permanente de lucro*” (p. 13), com a oferta de mais e mais créditos e a cobrança de altos juros.

É analisando esse procedimento dos bancos e credores em geral, que Bauman discute aspectos da análise de Rosa Luxemburgo sobre a acumulação de capital. Concorda com essa última quanto à necessidade que o capitalismo tem de encontrar novas áreas de exploração (áreas pré-capitalistas) e de arruiná-las nesse processo, comprometendo sua própria existência. Por isso, o capitalismo é “parasitário”: sobrevive da exploração de um “hospedeiro”, prejudicando este último do qual depende para sobreviver. Critica Luxemburgo por desconsiderar a possibilidade do capitalismo encontrar ou mesmo criar novos ‘hospedeiros’, quando o uso da facilitação de crédito consistiu justamente na tentativa de criação de “terras virgens” para os credores, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália, por exemplo. A crise significou a destruição de mais um “hospedeiro”, não o insucesso dos bancos, não o fim do capitalismo. Não discorda que o capitalismo chegará a um processo de “esgotamento” ou término. “A grande questão é saber quando se esgotará a lista de terras passíveis de ‘virginização secundária’ e quando as explorações, por mais frenéticas e engenhosas que sejam, deixarão de garantir um alívio temporário” (p. 11). Assim, se a crise em questão não levou ao fim do capitalismo, novamente ele “esteve perigosamente perto de um suicídio indesejado” (p. 20).

Com relação a Max Weber, Bauman esclarece que a existência de uma “indústria do crédito”, como sustentáculo atual do capitalismo parasitário, revela que o ato de poupar, essencial nos primórdios do capitalismo, como preconizava Weber, está superado, pois o resultado desse processo é o endividamento. Somos ensinados a contrair empréstimos, há um “adestramento para a arte de ‘viver em dívida’” (p. 20), afirma o autor.

A “indústria do crédito” tem seu funcionamento garantido pelos governos de diversos países, o que é típico do capitalismo, que sempre conta com a ajuda do Estado a criação de “novos pastos a explorar” (p. 19). Vários são os exemplos do autor, que visam explicitar a relação entre Estado e mercado². Dialogando com Habermas, o autor

²Segundo Bauman, nos Estados Unidos, foi o presidente Clinton quem introduziu e garantiu as hipotecas *subprime*; ao explodir a crise de 2008, o governo de plantão socorreu os bancos com milhões de dólares para se recapitalizarem e também grandes indústrias do país, como Boeing, IBM, General Motors, dentre outros.

discorda que o Estado seja capitalista apenas quando cumpre com a função de promover a “‘remercadorização’ do capital e do trabalho” (p. 28), garantindo recursos aos capitalistas para a aquisição da força de trabalho e a valorização desta última através de treinamento, educação, saúde, enfim, por meio de serviços públicos e assistenciais. Lembra que, no processo de transição da fonte de lucro da indústria para o mercado de consumo, a função do Estado passa a ser a de contribuir com subsídios para garantir o consumo das mercadorias, através do crédito. E na atualidade líquida, a função do Estado é garantir a “disponibilidade contínua de crédito e a habilitação contínua dos consumidores para obtê-lo” (29-30). Trata-se de um Estado “assistencial para os ricos” (p. 27).

Nesse contexto, insere-se a crítica aos defensores da concepção de que a dicotomia Estado e mercado é “o principal dilema da sociedade contemporânea” (p. 30). Bauman alerta que “o Estado e o mercado, podem lutar entre si ocasionalmente, mas a relação normal e comum entre eles, num sistema capitalista, tem sido de simbiose.” (p. 30). Observa a existência de ‘ditadores de Estado’ que levaram ao desenvolvimento e “triunfo” dos mercados³. Segundo o autor, “as políticas do Estado capitalista, ‘ditatorial’ ou ‘democrático’, são construídas e conduzidas no interesse e não contra o interesse dos mercados” (p. 31).

No segundo capítulo, “A cultura da oferta”, Bauman mostra a sintonia entre aspectos da economia e da sociedade e a cultura líquida, além de apontar como o contexto de liquidez gera uma crise na educação. Afirma que a cultura “é feita de ofertas, não de normas” (p. 33). Condizente com uma economia que busca liberdade de ação através do “excesso de ofertas” e da veloz obsolescência e dissolução do “poder de sedução” das mesmas, a cultura “não tem ‘pessoas’ a cultivar⁴, mas clientes a seduzir” (p. 36). Condizente com uma sociedade de consumidores, a cultura se converte “num armazém de produtos destinados ao consumo” (p. 34), os quais competem entre si pela atenção dos consumidores.

Nesse contexto, coloca-se a crise da educação, que se insere em uma conjuntura em que não há lugar para a “solidez das coisas” e para a “solidez dos vínculos

³ Pinochet no Chile, Syngman Rhee na Coreia do Sul, Lee Kuan Yew em Singapura, Chiang Kai-Shek em Taiwan, ou os atuais governantes da China (p. 30).

⁴ O autor refere-se a um aspecto da cultura na “era da construção das nações”, que se contrapõe às características da cultura líquido-moderna, que ajuda a forjar “clientes”.

humanos”, em que a ausência de laços se liga ao “ato de descartar e jogar no lixo” (p. 41), pois o traço do consumismo atual é o “gozo descartável” dos objetos e não o acúmulo deles. Nesse quadro, “é muito mais atraente o conhecimento criado para usar e jogar fora, o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas” (p.42). A educação faz parte do “mercado do conhecimento”, que não aceita “fidelidade” às próprias mercadorias que oferece. O conhecimento típico da educação ortodoxa não consegue mais representar o mundo devido às suas mudanças constantes. Os “hábitos consolidados, os esquemas cognitivos sólidos e as preferências por valores estáveis (...) transformam-se em desvantagens” (p. 47). Tornaram-se também desnecessários para controlar os trabalhadores, já que a ameaça de desemprego cumpre esse papel, sem os mesmos gastos, “desloca o ônus da prova para a parte adversa, ou seja, para os dominados” (p. 52).

O excesso de informação é outro problema para a educação. A infinidade de informações existentes, que concorrem entre si na busca por “atenção”, nos amedronta e pode ferir nossa “autoconfiança”, levar à “autodepreciação” e ao “autoescárnio”, se não a manipularmos com destreza. A educação não nos ensina a “arte de viver num mundo hipersaturado de informação” (p. 60). A educação ainda tem de lidar com uma “desconfiança intergeracional” mais intensa que as anteriores e que interfere na relação professor-aluno. Os “velhos” e os “jovens” estão descontentes e atribuem ao outro a responsabilidade por isso. O papel das relações virtuais é importante no processo descrito, pois elas se sobrepõem às relações do mundo real. Este último, permite ampliar os “encontros interindividuais”, momentâneos, “superficiais”, descartáveis. Como observa Bauman: “Relações virtuais são equipadas com a tecla ‘delete’ e com ‘antispam’, mecanismos que protegem das consequências incômodas (e sobretudo dispendiosas em termos de tempo) das interações mais profundas” (p. 67)⁵. O autor conclui que essa crise não pode ser superada por meio de uma reforma educacional.

Em “A sociedade do medo”, terceiro capítulo, Bauman responde às perguntas de Renata Fernandes Magdaleno, que realiza a tradução do texto-resposta. Dentre suas reflexões sobre os medos, destacam-se os fatos deles estarem ligados a diversos âmbitos (ao trabalho, à alimentação, aos riscos nas ruas etc.); generalizarem-se e propagarem-se,

⁵ Bauman nos fornece um interessante exemplo sobre a visão de uma educadora quanto ao uso do celular, iPods, videogames, pelos jovens. Ela observa que esses últimos abandonam ‘sinais sociais’, como cumprimentar e fazer ‘contato visual’. (p. 66).

prejudicando a análise de suas “raízes”; fortalecerem-se, já que “alimentam uns aos outros” (p. 74). A conjunção dos medos cria uma circunstância mental e emocional, que constitui um “ambiente de insegurança”. A ausência de raízes, por sua vez, facilita a exploração dos medos por políticos e capitalistas com fins lucrativos.

A competição “está cada vez mais individualizada” (p. 77), pautada na busca das condições de sobrevivência (atendimento das “necessidades primárias”) e pelo “poder de escolha individual”. A responsabilidade das escolhas recai sobre o indivíduo, que constantemente é chamado a exercer o seu “direito” de optar por outras mercadorias, outros empregos, outros relacionamentos etc., o que transforma esse “direito” em “dever”.

A humilhação consiste na ausência de “reconhecimento social”, na “negação da dignidade”. “Uma pessoa se sente humilhada quando recebe a mensagem, por palavras ou ações, de que não pode ser quem pensa que é” (p. 78). A humilhação causa “preconceito e ressentimento”, que num contexto marcado pelo individualismo, gera confrontos e acaba com a “autoestima” da pessoa. Ela não é uma peculiaridade da modernidade líquida, é parte da história da humanidade, entretanto, na sociedade, marcada pelo individualismo, “as queixas e as explicações para a dor perdem o foco no grupo e se deslocam para o indivíduo. Mas, em vez de apontar para a injustiça e o malfuncionamento do todo social (...) os sofrimentos individuais tendem a ser percebidos como ofensa pessoal (...) Sendo assim, eles demandariam uma resposta e uma vingança pessoais” (p. 79).

Finalmente, Bauman acredita na possibilidade de um mundo melhor e que a Sociologia pode contribuir com isso, se opondo à grande desigualdade existente. Deve ser entendida como uma “conversa em andamento” e adotar como método o diálogo, a “troca de mensagens” e de experiências. Até porque, precisamos de novos conceitos para o entendimento da realidade atual.

No quarto capítulo, “O corpo em contradição”, Bauman responde às perguntas da internauta Samantha, traduzidas por Angela Ramalho Vianna. O autor trata da anorexia e da bulimia, mostrando como essas últimas consistem em “reações patológicas” às “contradições” e aos “desafios” da realidade atual, sobretudo ao “egocentrismo”, “individualismo” e “consumismo”. A anorexia, para o autor, está mais ligada às “tendências egocêntricas” da sociedade, à cultura voltada para busca de prazer e

“aptidão física”, ao mesmo tempo. É uma tentativa de resposta aos perigos existentes na relação de troca que o corpo tem com o “mundo exterior”, “uma tentativa de fechar as fronteiras ou limitar ao mínimo a entrada de corpos estranhos” (p. 84). A bulimia, por sua vez, é mais uma situação de “contradição cultural” arraigada, de “círculo vicioso”, típico da sociedade consumista, em que “para desfrutar é preciso ser adequado; mas desfrutar certamente reduzirá a capacidade de adequação física” (p. 85).

No capítulo final, “Um homem com esperanças”, o autor responde às perguntas de Luis Carlos Fridman (prof. Do Dept.de Sociologia / UFF), traduzidas por Angela Ramalho Vianna. Comenta sobre outra obra de sua autoria, *A Arte da Vida*. Dialoga e delimita sua divergência com Karl Marx, para quem “os homens constroem suas histórias de acordo com suas condições e não com suas escolhas” (p. 88), ao tratar do peso dessas “condições”, isto é, das relações materiais. Reconhece que essas relações não estão sob nosso controle, podem restringir “a probabilidade de algumas opções” (p. 88), tornam algumas mais difíceis e perigosas, porém não podem eliminá-las; não podem “determiná-las”; há opções, feitas com base no “caráter humano” (não conceituado por ele). Sobre a questão do “engajamento”, isto é, o estabelecimento de relações profundas, o autor chama a atenção para seu caráter “ambivalente”, em que a “ausência de ‘laços densos’ é cheia de riscos, mas a densidade também o é” (p. 90). Finalmente, define-se como um homem “com esperança”. É aí que entra a questão da “arte da vida”. Reproduzindo Claude Lévi-Strauss, Bauman, afirma que “somos todos *bricoleurs*”, isto é, “pessoas que seguem modelos da sua cabeça, que montam/colam/ligam ‘estruturas’ com os materiais que estão a seu alcance” (p. 91). Há, entretanto, um “metamodelo” que anima os que dominam a arte da vida, que altera-se pouco na história, apesar das mudanças constantes: a “perspectiva de uma ‘vida boa’” Para Bauman, contudo, a receita vigente de uma boa vida é a “que usa o shopping como dieta culinária e o consumo de mercadorias como seu principal ingrediente” (p. 92).

Como dito inicialmente, ao tratar da crise de 2008, Bauman nos ajuda a compreender o caráter parasitário do sistema capitalista e o mal-estar que isso gera nos mais diversos âmbitos da vida social. Na análise dessa atual forma de organização do capitalismo, o autor aponta a atualidade e as superações de pressupostos teóricos de diversos autores, já mencionados. Nos fornece importantes reflexões, forjadas no calor

do momento (2009), quando os efeitos da referida crise espalhavam-se pelo globo, fazendo-se sentir menos aqui e mais alhures. Não descuida da base material, tanto que sua análise parte de um grande desafio econômico para mostrar como esse fato recente se liga à uma lógica mais profunda da busca pelo lucro. Entretanto, vai além da base material, mostrando-nos como a indústria do crédito gera valores, ideias, hábitos e desejos líquidos em que a ausência de laços, o desapego, é a contrapartida do prazer de usufruir das ofertas abundantes.